



NÃO SEI
Cora Coralina

**Não sei se a vida é
curta ou longa
demais pra nós.
Mas sei que nada
do que vivemos
tem sentido,
se não tocamos o
coração das pessoas.
Muitas vezes
basta ser
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que acaricia,
desejo que sacia,
amor que promove.
E isso não é coisa
de outro mundo:
é o que dá
sentido à vida!
É o que faz
com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais.
Mas que seja intensa,
verdadeira, pura
enquanto durar...**

Identidade

➡ Os projetos educativos de todas as obras lassalistas devem ter como características, junto com a excelência do ensino/aprendizagem e da cultura geral requerida pelo mundo de hoje: o sentido de comunidade e de fraternidade, em face do individualismo e a massificação; a luta contra a pobreza e as situações de injustiça; a educação para a justiça, a paz, a solidariedade e a tolerância; a formação de pessoas livres e ao mesmo tempo justas; a contextualização e compromisso com a realidade na qual estão situados (entorno e contexto sócio-econômico-político-cultural e religioso).

➡ A sociedade é vista e concebida, na educação lassalista, como espaço de socialização de dons, talentos, bens simbólicos e bens reais em prol da convivência solidária, fraterna e alegre das pessoas. Neste contexto, é fundamental, no processo educativo lassalista, a compreensão e vivência dos valores da cidadania, os direitos humanos, a participação consciente e crítica na construção, preservação, desenvolvimento e administração do bem-comum, e um engajamento muito especial em favor da promoção educativa dos mais necessitados. O futuro depende do que somos e do que fazemos hoje.

➡ A escola lassalista empenha-se em ajudar a família a procurar os meios para cumprir sua missão de primeiro e principal agente educativo dos filhos, conforme o entendeu São João Batista de La Salle e a Igreja o confirmou oficialmente no Concílio Vaticano II, no documento Gravissimum Educationis (Sobre a Educação). Para isso considera de grande importância um intercâmbio entre família e escola, visando ao conhecimento mútuo, ao apoio e à melhoria do atendimento das necessidades do educando.

PROPOSTA EDUCATIVA LASSALISTA



**Só na medida em que os Educadores forem
semelhantes aos pobres e ao Menino Jesus,
é que poderão atraí-los para Deus!**

Meditação 86,3 de São João Batista de La Salle

EDUCADORES FASCINANTES

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE URGENTEMENTE DELES NECESSITAM

Ir. Ignácio Lúcio Weschenfelder, São Paulo/SP - Provincial

▣ Dou seqüência aos artigos do Editorial do nosso Formativo Família Lassalista com um fundo de apelo à formação dos educadores de nossas escolas. Essa formação deve fundamentar-se sempre na Proposta Educativa da Província Lassalista de

São Paulo, documento norteador importante que merece releitura freqüente. Procurem, portanto, todos, entender sempre melhor sua missão como a ela vocacionados mais do que como uma simples decisão profissional. Para que nossas escolas andem bem e, para que todos os professores e funcionários dessas escolas se sintam bem, o sentido vocacional é extremamente importante.

▣ São João Batista de La Salle integrou, de forma sadia, realista e eficiente, em suas convicções, os conceitos filosóficos, antropológicos e sociológicos de seu tempo. Confrontou esses princípios com o Evangelho e com seus estudos teológicos e harmonizou-os com a fé e sua condição de batizado e as práticas de sua vida. Assumiu, assim, uma espiritualidade coerente e específica que o ministério da educação cristã exigia. Hoje compete a nós, como vocacionados à mesma missão do Fundador, assumir as escolas em profunda comunhão com idêntica mística. Nossa missão é a mesma que São João Batista de La Salle assumiu e que consiste em realizar a obra que Deus quis: educação humana e cristã que abarcasse a pessoa em sua integridade e que fosse acessível a todas as crianças e jovens. O ambiente tinha que ser acolhedor. Nele o amor era essencial e a fé e o zelo constituíam o espírito de todas as ações. Inundadas por todos esses elementos, as escolas de La Salle funcionavam bem, fizeram sucesso no seio da sociedade, apesar das perseguições, solidificaram-se e hoje estão presentes no mundo todo.

▣ No plano do amor, La Salle privilegiou, para a pedagogia das escolas que fundou, o coração, a emoção, a ternura, o respeito, o fino trato com o aluno, uma atenção de “Anjos da Guarda”, uma prática de “Bom Pastor”, a prevenção muito mais do que a correção, a opção pelos pobres, o conhecimento individual do aluno, sempre com o objetivo de salvação. Salvação entendida, concomitantemente,

em todas as dimensões humanas: ser físico, ser psíquico, ser social, político e espiritual. Para salvar o ser humano é preciso educar nele o afeto e a inteligência e contemplar o sentido de sua eternidade, pelo fortalecimento da fé.

▣ La Salle descobriu, bem no início de seu envolvimento com as escolas, que o centro de sua atenção deveria ser a pessoa do EDUCADOR. Era necessário conquistar-lhe a merecida dignidade, através de uma formação profissional aprimorada. A par disso, insiste, freqüentemente em seus escritos, principalmente nas Meditações para o Tempo de Retiro, no assumir a missão de educar como um ministério recebido de Deus.

▣ A maioria de nossas escolas, no início deste ano, propôs aos educadores a leitura e o estudo do livro “Pais brilhantes, Professores fascinantes”, do psiquiatra Augusto Cury. É um livro que exalta a sublimidade e a excelência do Educador, seja pai ou mãe, seja professor ou professora. Segundo o autor, os professores e os pais que educam seus filhos são os profissionais mais importantes da sociedade. O livro procura resgatar a dignidade do(a) educador(a) frente ao esquecimento, e mesmo ao desprezo, perante a sociedade consumista, individualista, materialista, violenta, estressada e submetida à força das armas. Vale a pena ler e reler esse livro, em constante paralelismo com a obra do Padroeiro Universal dos Professores, que já dura mais de 300 anos. Augusto Cury traduz, hoje, o mesmo sonho de La Salle. A escola dos sonhos de Augusto Cury é a escola que educa os jovens para extraírem força da fragilidade, segurança da terra do medo, esperança da desolação, sorriso das lágrimas e sabedoria dos fracassos. Os fracassos dos educandos, quando transformados em desafios, têm maior importância do que os sucessos para bem educar e preparar para enfrentar os previsíveis e imprevisíveis obstáculos que enfrentarão no futuro.

▣ Na “História da Grande Torre”, com que Augusto Cury conclui seu livro, essa torre é a sociedade de hoje que não valoriza a educação, nem prestigia os professores. Quando os professores a abandonaram, a torre desabou estrondosamente. Sem os professores nas salas de aula, a sociedade os substituiu por computadores. Então, a sociedade também desabou. Tudo o que era de ruindade e mal-

dade começou a se multiplicar: injustiças, misérias da alma, dor e lágrimas, depressão, medo, ansiedade, violência e os crimes... E a convivência humana ficou intolerável. Então se descobriu que “o pouco de luz que entrava na sociedade vinha do coração dos professores e dos pais que arduamente educavam seus filhos”... E o autor ainda afirma: “... a esperança de um belo amanhecer repousa sobre cada pai, cada mãe e cada professor, e não sobre os psiquiatras, o judiciário, os militares, a imprensa...” Portanto, “os educadores são a esperança do mundo”.

▣ Fazemos votos de que os professores finquem pé nas salas de aulas e em todos os ambientes de nossas escolas, junto com os demais educadores. Que continuem a trabalhar, sempre com maior entusiasmo, ainda que como heróis anônimos; sejam apaixonados por toda criança, todo adolescente e todo jovem; retornem sempre à sala de aula e “ensinem cada aluno a navegar nas águas da emoção”, conforme exorta Augusto Cury. Então a luz brilhará para a sociedade, que reconhecendo a obra dos professores, finalmente ficará boquiaberta. “Se todos sonharmos este sonho, um dia ele deixará de ser apenas um sonho”. São João Batista de La Salle teve esse sonho há 300 anos. Muito dele já se realizou, e se realiza sempre que os alunos sentem felicidade em freqüentar nossas escolas; quando se tornam saudáveis e sábios; quando sua inteligência cresce e sua emoção pode manifestar-se; quando sentem o real amor que os professores e funcionários lhes dedicam; quando o ambiente escolar é de paz, de acolhimento e segurança; quando os educadores são capazes de despertar a esperança no futuro... Falta só fazermos nossa parte.

▣ Sonhemos para nossos educandos, atuais e futuros, famílias bem integradas e ambientes escolares atraentes e agradáveis. Mas, para que não se limitem apenas ao sonho, sejam os educadores, eles mesmos, pessoas bem integradas em sua vida particular, profissional e de fé. **Que os educandos encontrem, não apenas no ambiente físico escolar, mas, principalmente nas pessoas dos professores e funcionários das escolas o encanto de viver, a habilidade de aprender, a capacidade de superar fracassos e obstáculos e o espaço aprazível como um refúgio seguro para seus anseios de paz.**

A imagem dos reis, rainhas, príncipes, princesas em todos os tempos fascinaram a imaginação. Nas lendas, meninas pobres se casam com príncipes.

A imagem dum palácio e dum reino também é colocada em destaque na Bíblia. No Antigo Testamento a palavra REI aparece 2 mil vezes. REINAR, 300 vezes. REINO, 250 vezes. Nos Salmos Deus é declarado com frequência, Rei de Israel e das nações. No Novo Testamento, a palavra REINO ocorre 162 vezes. No livro do Apocalipse, Jesus é chamado de Rei dos reis. (Apc.19,16).

A estrutura da História universal é geralmente colocada num esquema cronológico de Reinos e Impérios. Em 6 mil anos de História tivemos cerca de 40 reinos, desde os assírios, babilônios, romanos, gregos, até os reinos e impérios mais recentes: Carlos Magno, Napoleão e o Império Britânico. Os reis antigos do Egito, e mais tarde, Alexandre Magno e imperadores romanos, “**se imaginavam**” encarnação da divindade.

Porém há uma grande diferença entre os reinos da História universal, suas fantasias, e o Reino de Deus. O Novo Testamento nos traça o retrato desse Reino de modo bastante vivo, concreto e também misterioso. Jesus declara que o Reino **já chegou**, está no meio de nós, mas também avisa que ele **não é deste mundo**, não é

defendido pelas armas. Este Reino é dos **pobres**, dos sofredores, dos perseguidos, marginalizados e humildes. É das **crianças**, não em sentido biológico, mas daqueles que têm alma de criança. É preciso tornar-se criança para possuir esse Reino. No Evangelho a idade acontece ao contrário. O adulto cresce quando se torna criança.

É um Reino **eterno**, está escondido como um **tesouro**, não está pronto, mas cresce como uma **semente**. Pertence aos **violentos**, isto é, pertence àqueles que fazem guerra a si mesmos e suas paixões, não violência aos outros.

Embora não seja deste mundo, este reino é representado por um **chefe visível, o Papa**, que tem **as chaves** para abrir e fechar.

Jesus conhecia a psicologia humana, nosso desejo secreto de sublimação e grandeza. Por isso coloca a imagem do Reino como um pensamento central de sua pregação. Vemos a força dessa imagem em fatos concretos. Os castelos e palácios da Europa são visitados por milhões de turistas. Mas os palácios da terra revelam a diferença entre Reino e reino. O rei Eduardo da Inglaterra renunciou ao trono, porque não se sentia feliz. Casou-se com uma moça americana, sem nenhum título de nobreza. O rei Gustavo da Suécia, andava de bicicleta pelas ruas e dizia para todo mundo: “Eu me sinto mais feliz na bicicleta do que no trono”.

Essa é a diferença

entre os reinos da terra e o Reino de Deus. Por isso os santos deram preferência para o Reino de Deus. **São Bernardo** morava num palácio. Chamou seu irmão mais novo e lhe disse: “Você agora é o dono deste palácio.” O irmão perguntou: “Você vai para onde?” São Bernardo: “Vou buscar o Reino de Deus.” O irmão: “Você vai para o palácio de Deus, e me deixa isso? Eu vou com você.” O castelo ficou vazio. Todos, cerca de trinta pessoas, o abandonaram para seguir São Bernardo.

Certamente você não tem um castelo para renunciar. Mas é convidado por Jesus, Cristo Rei, e por sua Mãe, a tomar posse do Reino de Deus. **Santa Teresa** fala que “nossa alma é um castelo interior”. Ofereça esse castelo para o Rei e a Rainha do céu. Você vai ganhar em troca “o que os olhos nunca viram, os ouvidos nunca ouviram, e o coração jamais experimentou”.

Deus é tão bom para nós. Por isso devemos, com o coração repleto de alegria, retribuir e ajudar a construir o Reino que Deus deseja para os seus filhos e filhas.

Estamos unidos em uma mesma missão evangelizadora em prol da perseverança da Juventude Lassalista.



Irmãos, professores e colaboradores sejamos sempre companheiros de caminhada de nossos jovens e assim ajudá-los na construção do Reino de Deus aqui na Terra.

Quando, através de um homem, o mundo recebe um pouco mais de amor e de bondade, um pouco mais de luz e de verdade, então a vida deste homem tem um sentido. (Alfredo Delp)

O Educador se compromete com um projeto de formação do ser humano.

O educador alimenta em si a convicção de estar construindo seres humanos dignos, abertos, solidários, fraternos, capazes de contribuir para uma sociedade melhor. Ele não limita o seu horizonte ao dar aulas, ao ajudar o aluno a conhecer, a construir o saber. Tudo isto também é desafio para o bom educador; mas não “só” isto pois o seu compromisso maior é com a educação de seres humanos integrais, realizados o mais plenamente possível.

O educador se compromete com a formação de uma sociedade nova, baseada em valores evangélicos.

Jesus Cristo fala da utopia do reino e é este o compromisso maior do educador cristão. A educação se orienta para cooperar no advento de uma sociedade mais justa, de um mundo mais humano, mais solidário e mais fraterno. Para este objetivo maior a educação é meio.

O educador se compromete com a sua comunidade para uma ação conjunta e integrada.

Não podemos querer fazer educação de qualidade sem estarmos vinculados a uma comunidade que, conosco, comunga da

mesma utopia de formar o ser humano integral e construir uma sociedade nova. A comunidade educativa torna a todos mais fortes e oferece possibilidades maiores para o alcance dos objetivos que se tem em vista.

O Educador que atua em escola católica precisa contribuir na elaboração e implementação do seu projeto educativo.

Ter conhecimento e convicção das questões centrais para se educar é essencial para se conseguir espaços novos. O Documento “Proposta Educativa da Província Lassalista de São Paulo”, em sua página 15 lembra: *Anualmente as comunidades educativas lassalistas, levando em conta os desafios do mundo, especialmente dos educandos, as orientações da Igreja e do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, priorizam, no planejamento da Missão Educativa e em sua execução e avaliação, algumas características que identificam de modo significativo a educação lassalista. Elas estão expressas no IX Capítulo Provincial, número 31: excelência acadêmica; o sentido de fraternidade e de solidariedade; a luta contra a pobreza e as situações de injustiça; a formação sólida e abrangente na fé cristã; a abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso; a iniciação prática ao aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a amar e aprender a ser.*

O mesmo documento, insistindo na importância do Projeto Educativo para os educadores lassalistas, assim se expressa: *Os projetos educativos de todas as obras lassalistas devem ter como características, junto*

com a excelência do ensino-aprendizagem e da cultura geral requerida pelo mundo de hoje: o sentido de comunidade e de fraternidade, em face do individualismo e da massificação; a luta contra a pobreza e as situações de injustiça; a educação para a justiça, a paz, a solidariedade e a tolerância; a formação de pessoas livres e ao mesmo tempo justas; a contextualização e compromisso com a realidade na qual estão situados (entorno e contexto sócio-econômico-político-cultural e religioso).

O educador se compromete com a sua própria formação continuada, como uma necessidade nos dias de hoje.

No dizer de Paulo Freire “o ensino e a aprendizagem não podem acontecer sem que professores e alunos adotem uma postura de aprendizes diante dos objetos de conhecimento. Compreender que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina a aprender significa rever um modelo de educação que centrava no docente o poder e o papel de transmitir conhecimento para quem era considerado como uma caixa vazia para ser preenchida, o aluno” (Cristiane da Luz & Marlene dos Santo, in CEAP, nº 43). O mundo é complexo, os saberes se multiplicam, as crianças são outras e vivem em outros tempos e compassos... O educador precisa educar-se continuamente. O educador, no cumprimento de seu compromisso com os educandos e a sociedade, vai gastando a sua vida,

como que em holocausto. Mas, é na alegria de servir, de ser útil, de contribuir, de erguer uma “grande catedral” que a sua vida tem sentido.



NATAL: UMA NOVIDADE SEMPRE

Ir. Israel José Nery, São Paulo/SP
Direção Provincial

ENCARNAÇÃO

O Natal celebra a Encarnação do Filho de Deus, que assume a condição humana, nascendo na história, dando início à grande aventura e ventura da redenção da humanidade. Ele redireciona a busca

humana pelo sentido da vida, a busca da felicidade e responde à angustiante questão da morte e do pós-morte. Jesus nasce de Maria, amparada por São José, formando com eles um lar. Uma família pobre, mas extraordinariamente iluminada pela presença do próprio Filho de Deus. Natal é uma privilegiada prova do amor de Deus, que se faz um de nós para facilitar-nos o acesso a ele, a comunhão com ele, portanto, à felicidade plena.

Nós cristãos, apoiando-nos na Sagrada Escritura cristã, acreditamos que, de fato, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, se fez um de nós e aqui viveu, ensinou, amou ao ponto de dar a vida por nós, na cruz, ressuscitou e está vivo para sempre. Recebemos, sem mérito algum nosso, o dom de acreditar neste fato e, mais ainda, de assumi-lo como direcionador de nossa vida, esperança, amor.

NATAL E FÉ

Ninguém sabe da data real do nascimento de Jesus. A escolha do dia 25 de dezembro foi para substituir o culto do nascimento do deus sol: *natalis (solis) invicti*. Depois de concessão da liberdade à religião cristã, pelo imperador Constantino, em 313 dC, a Igreja se organizou-se e firmou-se, na doutrina, no culto, na moral, na sua estruturação interna e em sua ação no mundo. Procurou momentos oportunos do ano para marcar as comemorações sobre os principais acontecimentos da história da salvação e, sobretudo, da vida de Jesus. E isso levou à marcação da data do dia do Natal.

Havia, em Roma e em todo o império romano, por ocasião do solstício do inverno, em dezembro, a festa do sol, como uma im-

portante divindade. A Igreja de Roma, em 336, depois de vários anos de experiência conseguiu redirecionar a festa, passando a comemorar, com liturgia própria e festejos diversos, a vinda ao mundo do verdadeiro Sol, Jesus.

Aos poucos a comemoração foi se espalhando por outros lugares. E a celebração do Natal de Jesus serviu, a cada ano, como especial oportunidade para fortalecer a fé da Igreja no Cristo. Isso foi útil particularmente face as várias interpretações errôneas sobre a pessoa e missão de Jesus, e que foram sendo combatidas em quatro grandes concílios nos séculos IV e V: os Concílios cristológicos de Nicéia (325), Constantinopla (361), Éfeso (431) e Calcedônia (451).

PRESEPIO

O presépio é, desde o século XIII, a marca mais forte da celebração do Natal de Jesus. É uma, visualização da cena, que São Lucas descreve, assim, em sua narrativa bíblica: *"Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto e ela (Maria) deu à luz seu filho primogênito. Envolvendo-o em faixas depositou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles (na cidade)"* (Lc 2,6-7).

Neste texto, curto, mas completo, não há referência a animais. Mas, a partir do século IV, a piedade dos cristãos incluiu o boi e o jumento no estábulo, expressando cuidado em providenciar algum aquecimento do ambiente para o recém-nascido, frágil e pobre. A imaginação popular, sempre criativa e fértil, ampliava o cenário com os anjos, os pastores, os magos, cânticos, animais de estimação...

Mas a atual representação plástica do Presépio, desde os mais simples aos mais sofisticados, teve origem com São Francisco de Assis. Conta o seu biógrafo, Tomás de Celano, que ele solicitou ao amigo João Velita, preparar em uma gruta-estábulo, em uma das encostas de Géccio, na Itália, um altar para a missa da meia-noite de 24 para 25 de dezembro de 1223. E ali no meio de animais e com uma criança na manjedoura, ele o povo e os

frades celebraram, com tochas, velas, procissões, cantos e sinos, de maneira bem diferente da tradicional celebração nos templos, o Natal de Jesus.

NATAL HOJE

Hoje, o paganismo do deus consumo já mudou muito o sentido do Natal. Somos chamados ao profetismo de lutar por recristianizar o Natal. Cabe a nós cristãos insistir, com criatividade, em proclamar por todos os meios possíveis o verdadeiro Natal.

E em um mundo confuso e cheio de contradições, de dores e angústias, com aumento da miséria, da violência, da guerra e das mil fugas da vida, aprendemos, sempre de novo, os critérios do mundo novo trazido por Jesus, que contradiz o que se apregoa e se vive por aí sobre o Natal. São lições fundamentais que brotam deste seu nascimento entre nós, num presépio, num estábulo, entre animais, em uma família humilde. Os pastores que, na época não gozavam de boa reputação, são as testemunhas escolhidas para esse evento extraordinário. Acresce a perseguição dos poderosos, que levou a Sagrada Família a exilar-se no Egito, para salvar a vida da Criança.

Jesus continua o mesmo a se oferecer para a nossa salvação. E, um dia, vai nos perguntar se não o deturpamos por desvios de nossa devoção ou pela ganância do mercado. Para ele o nosso discipulado vale na medida em que o servimos nas situações similares em que ele nasceu, viveu, ensinou e deu a vida por nós: "eu tive fome e sede, estava nu, doente e estava na prisão, não tinha onde morar... e você cuidou de mim! Todas as vezes que você fez isso a um de meus irmãos, mais pequeninos, foi a mim que você o fez! Vem, toma posse do Reino preparado pelo meu Pai!" (cf Mt 25, 31-46).

Celebrar o seu Natal, é renascer nele, para assumir com Ele a vontade do Pai, no hoje da nossa história.

Ao desejar Feliz Natal, e ao celebrar o aniversariante, razão de ser desta festa, reassumamos, pra valer, o nosso próprio renascimento nele, por ele, com ele, para a glória de Deus, dando nossa vida pela vida nova que ele trouxe ao mundo.



CHAMADOS PARA SERVIR
Ir. Silvino Fritzen, Niterói/RJ
Instituto ABEL

Hoje em dia somos convocados para servir. O atual mundo empresarial é um mundo de serviços. As empresas de sucesso serão cada vez mais “preparadas para servir”. Não dependem mais somente do que produzem, mas dos serviços que prestam.

Em maio de 2003, realizou-se, no México, o III Congresso Internacional de Antigos Alunos Lassalistas, cujo tema central foi “CHAMADOS PARA SERVIR”.

CHAMADOS PARA SERVIR Desde o 41º Capítulo Geral, a Congregação dos Irmãos Lassalistas fez o chamamento para que os Colaboradores leigos participem da formação humana e cristã, conforme os princípios formulados por São João Batista de La Salle.

CHAMADOS PARA SERVIR foi o apelo do Papa João Paulo II aos jovens de Toronto, Canadá, atendendo as expectativas que a humanidade cultiva diante de tantas injustiças e sofrimentos, exigindo uma nova geração de construtores não movidos pelo medo ou pela violência, mas sim, pela urgência de um amor autêntico que lhes proporcione o saber de colocar pedra sobre pedra para edificar, na cidade dos homens, a cidade de Deus.

CHAMADOS PARA SERVIR Os Antigos Alunos das Escolas Lassalistas de todo o mundo são convocados para a construção de um mundo melhor, onde todos possam viver como filhos e filhas de Deus e como irmãos, entre si. O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs nasceu para servir às crianças. Sabe que elas constituem o elo mais frágil e mais vulnerável de nossa sociedade. As crianças são vítimas de muitos conflitos sociais, abandonadas, seqüestradas ou envolvidas no tráfico de drogas. Sofrem de desnutrição, de violências, muitas prostituídas, não desejadas, não amadas, não atendidas, etc.

CHAMADOS PARA SERVIR como voluntários numa obra social. O Lassalista, no mundo de hoje, é chamado não somente para oferecer serviços aos jovens, por mais importantes que sejam, mas, sobretudo, para ajudá-los a encontrar sentido para suas vidas. Por isso, é muito importante que os jovens estejam muito atentos às novas pobreza que o mundo lhes apresenta.

CHAMADOS PARA SERVIR para assumir a defesa dos jovens, é, certamente, uma bandeira de nossa Família Lassalista. Todos que a ela pertencem, de uma maneira ou de outra, têm condições de prestar um serviço direto, através do voluntariado, seja participando ativamente de organizações locais, ou, ainda, tratando respeitosa e cordialmente as crianças com as quais se relacionam.

CHAMADOS PARA SERVIR Precisamos contemplar os pobres com os olhos de Deus, o Pai da Vida, e escutar o seu clamor. O desafio que nos lança é sermos misericordiosos como o Pai o é. Trata-se de uma misericórdia solidária que implica que nos deixemos afetar pelos sentimentos dos outros.

CHAMADOS PARA SERVIR Contamos com a ajuda dos membros da Família Lassalista. É preciso viver, com espírito aberto e com mais intensidade, o carisma lassalista, e assumir o compromisso de tornar realidade os ideais lassalistas: FÉ - FRATERNIDADE - SERVIÇO.

Nós, leigos, educadores lassalistas, que acreditamos numa formação mais humana e cristã, somos levados a assumir cada vez mais um compromisso ainda maior pelo bem da Educação. A espiritualidade lassalista é dinâmica, é a mística revelada em cada educador, em cada sala de aula, em cada aluno, provocando dinamismo criativo nas atitudes e atividades, entusiasmando cada vez mais todo trabalho que vem sendo realizado em nossas escolas. E que nossa passagem pelas Escolas de La Salle, promova o lançamento de sementes que germinem na vida de nossos alunos!

Solange L. Lemos
Niterói/RJ



10 – VIGILÂNCIA:

O mestre responsável nunca abandonará a sala de aula, a não ser por urgente necessidade, e em tal caso, pelo menor prazo possível. Sabe que deve

ver e observar tudo e nada deverá fugir do seu olhar. Está convencido de que a boa ordem e o ótimo aproveitamento dos jovens dependerão do silêncio, da disciplina e da vigilância que exercer.

Uma verdade muito experimentada ensina ser a atenção prestada a tudo o que se passa na sala de aula, juntamente com a previsão de suas decisões, uma das causas para a ampliação da autoridade do mestre. Também é muito importante a entrada dos alunos na escola na hora marcada e bem aseados, com cadernos e livros em bom estado.

11- PIEDADE:

O verdadeiro mestre está convencido de não ser simplesmente um poço de ciência para seus alunos, mas deverá constituir-se fundamentalmente em modelo para eles, um “apóstolo” chamado para evangelizar, partilhando a experiência de Deus a partir da vida familiar, social, cívica e política.

“Não é suficiente permanecer os alunos a maior parte do dia na escola e estar ocupados na mesma; é preciso que os encarregados de instruí-los se dediquem particularmente a formá-los no espírito do cristianismo”. (MTR 2, 2)

“Procurastes com diligência que os alunos se instruissem na doutrina cristã? É essa vossa principal ocupação” (Med 92, 3).

O mestre deve saciar a fome dos crentes, isso exige uma apresentação sólida da fé e uma resposta adequada aos problemas relacionados com a vida (Decl. 39).

Deverá estar convencido de

não ter como principal missão ser um digitador a introduzir dados (fórmulas, regras ortográficas, pontos geográficos, nomes) na mente dos alunos; mas sua vocação será primordialmente um chamado a “mover os corações”, e por isso deverá sentir-se impelido a animar os alunos cada dia na vida cristã.

Como responsável pela salvação de seus alunos, o professor lassalista considera-os como órfãos pobres e desamparados, entregues a si mesmos na questão da salvação. Apesar de a maioria ter um pai sobre a terra, considera-os como se não o tivessem. Por essa razão, “Deus os confia, de alguma maneira, aos cuidados dele” (Med. 37, 3).

O mestre responsável não fala de Deus somente para cumprir uma obrigação, sem ânimo e nem convicção; ao rezar, ele mesmo não o faz e nunca permitirá que os alunos o façam com precipitação, com voz descompassada, sem modéstia e atenção, traçando sobre si, sem fervor, o sinal da cruz.

Ao ocorrer alguma dificuldade na educação dos jovens, seja no aproveitamento das lições, ou ao observar neles um certo espírito de leviandade, recorrerá a Deus sem vacilar, a fim de lhe pedir sejam estes jovens animados pelo espírito de Jesus Cristo.

Não descarta nenhum meio até conseguir a volta para Deus dos inclinados a algum vício, porque, “como diz Jesus Cristo, não é vontade do Pai celestial que se perca algum desses pequenos” (Méd 56, 1).

La Salle é exigente e coloca São Cassiano como modelo a imitar. O imperador Juliano, o apóstata, havia proibido, no ano de 362, aos cristãos exercer a função de mestre, só porque se recusaram a transmitir aos alunos o politeísmo grego. Cassiano, mestre-escola, continuou ensinando a religião cristã. Foi sur-

preendido e julgado. Para cumprir a sentença de morte, é entregue aos próprios alunos, os quais, de acordo com Prudência, lhe tiraram a vida com os estiletos usados para escrever.

12 – GENEROSIDADE:

O educador cristão nunca irá esquecer que a educação é um prolongamento da gestação. Da mesma maneira como os filhos são gerados por um ato de amor, ele os gerará como pessoas completas ao educá-los por um estado de amor.

O educador percebe quando o rapaz ou a moça se sente bem em casa e na escola, pois caso contrário, fugirão à maneira do filho pródigo. Os psicólogos insistem na única possibilidade de a pessoa poder se desenvolver normalmente: sentir-se amada.

Isto significa, em linguagem lassalista, que os mestres devem ter grande ternura pelos alunos, dando-lhes mostras sensíveis de amor, confiados a eles por Deus, da mesma maneira como Jesus Cristo ama sua igreja.

Para os alunos, a escola lassalista deverá ser realmente um segundo lar. Nunca esqueçamos: o lar nos recorda o fogo, por fazer referência a algo quente, protetor, que transmite segurança. O carinho que o “ministro do evangelho”, o educador lassalista, manifesta a seus alunos se converterá para todos em sacramento visível do amor pessoal de Deus a cada jovem. Desta maneira o mestre cristão se transformará em bom pastor, para ir em busca da ovelha perdida: conhece o nome de cada uma, identifica suas características e necessidades.

Gravidade
Silêncio
Humildade
Prudência
Sabedoria
Paciência
Moderação
Mansidão
Zelo

Vigilância
Piedade
Generosidade

VOLUNTARIADO EM NOVE PASSOS

Sônia M. R. Charpentier (org.), São Paulo/SP
Comissão de Assistência Social

O processo de elaboração de um programa de voluntariado organizacional é uma experi-

ência bastante particular e depende muito das características de cada organização.

Não existe uma receita única para construí-lo, mas um conjunto de recomendações, uma orientação de caminho a percorrer.

Confira os nove passos para implementação de um programa de voluntariado:

Passo 1

Promova uma reflexão dentro da sua instituição sobre a missão da organização e sobre responsabilidade social. Conquiste aliados dentro da hierarquia, defina prioridades institucionais e comece a trabalhar a idéia da Instituição ter um programa de voluntariado.

Passo 2

Reúna uma equipe de funcionários e forme o primeiro grupo de trabalho. Esse grupo vai mapear as ações sociais já realizadas pela Instituição, identificar oportunidades e interesses

de atuação voluntária e propor um plano de ação que também leve em consideração as expectativas dos funcionários.

Passo 3

Faça um exercício de planejamento e defina com o que a Instituição precisará oferecer em termos de recursos financeiros, materiais e humanos, para que o programa de voluntariado se desenvolva.

Passo 4

Difunda amplamente na instituição a proposta de fomentar o voluntariado lançando uma pesquisa junto aos funcionários. Muito mais do que oficializar as suas intenções na área, a pesquisa levantará as experiências pré-existentes e os interesses do grupo.

Passo 5

Busque informações sobre que tipo de ajuda a comunidade precisa receber.

Passo 6

Reúna as informações. Cruze os interesses da instituição, dos funcionários e da comunidade e redija um projeto para o seu programa de voluntariado.



Passo 7 – Ponha o programa para funcionar. É hora de começar a gerenciar tudo aquilo que você planejou fazer.

Passo 8

Reforce suas práticas de valorização, reconhecimento e comunicação. Institua políticas para essas áreas, pois elas serão responsáveis pela manutenção e por grande parte do sucesso do seu programa.

Passo 9

Troque experiências e conhecimentos com outras instituições e organizações atuantes no setor. Isso ajuda o seu programa de voluntariado a crescer e também os programas de outras instituições.

Referências

* DOHME, Vânia D'Angelo. *Voluntariado - Equipes Produtivas - Como Liderar ou fazer parte de uma delas*. Editora Mackenzie, 2001.

* *Revista Filantropia, Edição 06, Ano 2, mai/jun de 2003, Editorial Zeppelini.*

FORMATIVO FAMÍLIA LASSALISTA

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93
Vila Guilhermina
CEP 03542-100
São Paulo - SP
www.lasalle.org.br

COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA:

Ir. Arno Canísio Atz
Ir. Cassiano Freze Costa
Marcos Luciano Corsatto
Mariana Di Mango Dias

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Marcos Luciano Corsatto
MTb 37617

REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

SUPERVISÃO E EXPEDIÇÃO:

Ir. Ignácio Weschenfelder
Ir. Arno Canísio Atz

IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle
Rua Dr. Paulo César, 222
Icaraí
CEP 24220-400
Niterói - RJ
Fone (21) 2620-7326
www.graficalasalle.com.br

E-MAIL:

dir@dolasalle.com.br